

## Duras – Jacquot<sup>1</sup>

### Regina Guimarães

Não resisto a abrir com uma nota humorística. Quando, há uns quinze anos, no âmbito da minha actividade de Leitora da FLUP e no quadro do fabrico de um “Dicionário de Ideias Pré-concebidas” (à maneira do perspicaz Flaubert), propus aos estudantes que redigissem um artigo sobre Duras, um das minhas alunas respondeu, e passo a citar de memória, “romancista francesa cujas personagens, se apaixonadas, falam entre si na terceira pessoa do singular”. Note-se que, em francês, essa pessoa de distância e cortesia é a segunda do plural.

Na presente sessão vamos ter a oportunidade de ver ou rever um *díptico*, dedicado à personagem da escritora Marguerite Duras, da autoria de Benoît Jacquot. Dois filmes – *Écrire* e *La Mort du Jeune Aviateur Anglais* – que dialogam entre si.

Benoît Jacquot é um realizador francês de cinema e televisão, nascido em 1947 no 16.º arrondissement de Paris. Assinou acima de trinta filmes, alguns dos quais contam com a participação de *stars* do próspero cinema francês. Também na sua vida pessoal, a relação com as *stars* parece ter assumido alguma importância. Do minimalismo à Bresson evoluiu para uma rejeição dessa etiqueta na qual, segundo ele próprio, não se revê e ainda menos se reconhece. A essa rejeição da maneira bressoniana, não terá sido alheia a influência de Marguerite Duras de quem o jovem Jacquot foi assistente, nomeadamente em *Nathalie Granger* e *India Song*. Segundo este menino bem parecido e bem nascido, Duras foi responsável pelo seu envolvimento definitivo com o cinema.

A familiaridade com Marguerite Duras é uma das estratégias mais ou menos claramente visíveis nestes seus dois trabalhos. Entrevistada nos seus espaços domésticos, Marguerite parece de bom grado confiar-se a um confrade 33 anos mais novo do que ela. O que, no universo durasiano – dominado pela sombra da morte do “irmão mais novo” (que ela, de resto relembra a Jacquot) e pela correlativa focalização numa concepção incestuosa e um tanto genesíaca do amor – não deixa de ter a sua relevância. Além da equipa (seguramente reduzida), sente-se nestes dois filmes a presença vigilante de Yann Andréa, último companheiro da romancista e transcritor dos dizeres que constituem a derradeira obra de Duras, *C'est Tout*.

Ambos os filmes se debruçam sobre a questão da escrita, sendo que o acto de escrever é abordado no primeiro de forma mais alargada e no segundo num sentido mais estrito. Na verdade, a despeito de uma aparente modéstia de postura, *La Mort du Jeune Aviateur Anglais* constrói-se em torno de uma espécie de tentativa ambiciosa de co-realizar um filme com Duras cineasta e, graças a um grosseiro artifício, desvendar o mistério da sua escrita cinematográfica, enquanto prolongamento da outra, primeira e primordial. A esse título, a sequência em que Duras conduz, com indicações precisas – mas também desarmantes para não dizer deceptivas – o processo de filmagem é eloquente. Daí resulta algo que não é bem carne nem peixe, pois que a incoincidência entre as narrativas sonoras (voz, ruídos, música) e as narrativas visuais (imagens), recorrente nas obras fílmicas de Duras, não esgota (e de longe) os recursos estilísticos da autora em matéria de cinema...

Em *Écrire*, a tentativa de pôr a nu a cozinha da escrita é porventura ainda mais óbvia. A criação de um tempo elástico, distendido, em que voz e palavra se orquestram segundo as regras da insistência, um tempo do *estar com* para *estar em*, parece ser a regra do jogo. E, paradoxalmente, à primeira vista, dir-se-ia que Duras joga o jogo da colaboração. No meu modesto entendimento, “C'est tout le contraire”. Duras não “colabora” – e este termo carrega-se de sentidos bastante negros se atentarmos nas peripécias do percurso da cidadã Duras – mais generosamente com o cineasta Benoît Jacquot do que com o televisivo entrevistador Bernard Pivot. Duras interpreta o seu papel, corresponde escrupulosamente à personagem que construiu para a esfera mediática, colando às máscaras que não ao cerne da sua escrita. Estamos em pleno

feitiço de ficção, porém tudo no filme se nos apresenta como um depoimento de peito aberto. Claro que a personagem com que *Écrire* nos confronta já não é a menina recém-chegada à metrópole com a complexidade do seu levantino passado colonial na bagagem, pronta a conquistar o mundo ou a deixar-se conquistar por ele. Também já não é a intelectual anfitriã do Grupo da Rua Sant-Benoît que, juntamente com o marido Robert Antelme e o amante Dionys Mascolo, reuniu em sua “casa de vidro” espíritos tão admiráveis quanto George Bataille, Maurice Blanchot, Jean Genet, Maurice Merleau-Ponty, Henri Michaux, Francis Ponge, Claude Roy, Jorge Semprún, Elio Vittorini (para só citar alguns nomes). Nem decerto é a resistente encarregue de infiltrar os meios colaboracionistas e salva *in extremis* por François Mitterrand, ao tempo que o seu esposo é deportado para Buchenwald. Nem mesmo a jovem escritora militante sem papas na língua acusada por Jorge Semprún de ter proferido declarações ofensivas contra Louis Aragon e, por isso, afastada do Partido Comunista Francês. Nem sequer a romancista de sucesso que, desiludida com a passagem dos seus textos para a tela, se lança na aventura *sui generis* de questionar, por dentro e de dentro, a escrita cinematográfica, etc. A personagem que Benoît Jacquot pretende fazer caber nos seus enquadramentos é uma mulher de idade avançada, pela qual a vida passou como um pesado tractor, cavando ininterruptamente as fissuras onde a escrita encontra morada e impermanência. Nunca a sua câmara e o seu microfone se mostram capazes de ponderar um protocolo, uma distância, uma proximidade, um olhar, uma escuta singulares. Evidentemente que, como disse algures o crítico e clínico portuense António Roma Torres (a propósito de cinema e da maneira como Manoel de Oliveira o pratica), “ninguém filma ninguém” – e é talvez essa a mais poderosa lição que, por defeito, podemos extrair destes dois filmes.

Seja como for, atente-se na lucidez e no vigor com que Marguerite Duras enfrenta a câmara de Jacquot e contorna, sem se escusar ao jogo projectivo, as expectativas do realizador, coisa tanto mais surpreendente quanto estamos perante uma mulher que sobreviveu a cinco meses de coma artificial e a uma traqueotomia, na sequência de longos anos de consumo de álcool e tabaco.

Não sou, devo confessá-lo, uma durasiana incondicional. Não que não seja sensível aos encantos e às subtis inflexões de Marguerite Duras enquanto voz... Porém,

na sua escrita, a hipertrofia do prazer do estilo em detrimento da interrogação dos limites e ilimites da palavra sempre me inspirou alguma desconfiança. Creio no entanto que Duras é um caso excepcional de sedução nos territórios da literatura, comparável a Pina Bausch no domínio da Dança ou a Barbara na história da *chanson française*. Creio não menos que o cinema tem para com a sua radical desenvoltura uma imensa dívida. Razões de sobra para repensar e revisitar os seus textos e os seus filmes, passando porventura algum tempo com as obras que lhe foram consagradas e com todos os documentos que no-la dão a ver. Ainda que ocultando-a...

Abril de 2014

## NOTA

---

<sup>1</sup> Texto lido em 7 de Abril de 2014, como preâmbulo da projeção de dois filmes de Benoît Jacquot, integrada nas actividades do Cineclube do Porto (Casa das Artes).